

Guilherme d'Oliveira Martins

1. *Atento ao mundo.* O Embaixador José Calvet de Magalhães não é um diplomata que possa passar despercebido, entre tantas pessoas diferentes que exerceram essa função. É conhecida a sua brilhante folha de serviços, prestados em momentos muito diferentes ao país. Merece atenção especial, no entanto, o seu método e a sua atenção ao mundo que o cerca. Num tempo de abertura de Portugal ao mundo, no panorama que se seguiu à Guerra, havia que trilhar novos caminhos e novos saberes. E a sua formação jurídica permitiu-lhe trilhar novos caminhos, em especial nos domínios do direito internacional e da economia, indispensáveis para a compreensão das novas circunstâncias. Foi assim dos primeiros a compreender a importância crucial da diplomacia económica, com base na percepção de que o proteccionismo iria dar lugar ao fim dos regimes autárquicos e a uma crescente cooperação internacional, inaugurada pelo Plano Marshall e continuada no desenvolvimento de um processo inexorável de criação de espaços de integração económica (avultando os exemplos do Mercado Comum e da EFTA) e de consolidação de um comércio mundial baseado na preservação da competitividade e no cumprimento de regras de concorrência. O novo espírito da Carta das Nações Unidas e a reconstrução das economias destruídas pela guerra com base em conceitos modernos de uma diplomacia multilateral conduziram a uma nova diplomacia, que Calvet de Magalhães desde cedo entendeu com rara lucidez. Essa foi uma das razões pela qual se destacou e ainda hoje é recordado – por compreender os novos tempos e a complexidade dos acontecimentos, sem esquecer as raízes históricas e a permanência das grandes condicionantes internacionais. A sua sólida formação no domínio jurídico e económico fica bem patente, aliás, na obra de 1967, *História do Pensamento Económico em Portugal*. Foi, pois, um diplomata moderno e aberto, sem que isso tenha alguma vez posto em causa uma atitude serena e prudente, que caracterizou sempre o seu modo de estar na vida. Pessoa cultíssima, originário de uma família com uma mundivivência cultural intensa, relacionada com grandes vultos da cultura portuguesa do século XIX, Calvet de Magalhães soube sempre aliar a preparação técnica cuidada no exercício das tarefas de que se ocupou e das responsabilidades que assumiu com sólidas referências históricas e uma permanente ligação a exigentes valores éticos.

2. *Diplomacia Pura*. George Kennan, o notável diplomata norte-americano, que foi director da Escola de Estudos Históricos do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, disse de uma das obras mais conhecidas do Embaixador Calvet de Magalhães – *A Diplomacia Pura* – que esperava que viesse a «ser leitura básica e obrigatória em todas as instituições americanas em que a natureza, os usos e as modalidades da diplomacia são matérias de ensino». E acrescentava que neste tempo de progresso das comunicações electrónicas e de hábito de viagens dos ministros de Negócios Estrangeiros e chefes de Estado tem havido um obscurecimento e dúvidas sobre o valor das tradicionais instituições da diplomacia. Ora, lendo esse pequeno tratado sobre a diplomacia – a actividade dos diplomatas e dos agentes diplomáticos – facilmente percebemos que a compreensão da realidade internacional passa, necessariamente, pela percepção de que os actores, os diplomatas, são a matéria prima essencial a que se deve prestar atenção permanente e atenta. Por isso, longe de uma ostentação erudita, a pedagogia da profissão praticada pelo Embaixador baseia-se na apresentação dos exemplos históricos sobre a importância da intervenção dos embaixadores e diplomatas. Desde Tucídides, através do discurso do rei dos lacedemónios, até ao Presidente Wilson, passando por Demóstenes, Júlio César, Maquiavel, Pombal, Metternich e Bismarck, é feita, com grande sentido de equilíbrio, uma análise rigorosa das circunstâncias históricas em mudança e da esfera de acção reservada aos diplomatas, procurando dar ao leitor, e em especial ao aprendiz da difícil arte da diplomacia, as ferramentas essenciais de acção, de arbitragem e de leitura dos acontecimentos, com preocupação prática, a partir do rigor dos factos. Como afirmou na referida obra: «o agente diplomático, enquanto tal, actua exclusivamente no âmbito da diplomacia pura e não deve esquecer-se disso. Quando intervém na construção de uma dada política externa não age como diplomata mas como político ou conselheiro político. São duas funções que na prática se podem confundir mas que teoricamente são inteiramente distintas» (ed. 1995, p. 91). Numa palavra, o diplomata é um intermediário entre dois governos ou um factor de diálogo e de negociação, enquanto o governante é um agente activo.

3. *A História, mestra*. Basta ler a *Breve História Diplomática de Portugal* para se perceber que o Embaixador Calvet de Magalhães, sem qualquer excesso retrospectivo, procura cultivar o conhecimento dos acontecimentos históricos, não como factos isolados, mas inseridos no tempo e na complexidade da política, da economia e da sociedade, para garantir uma melhor leitura do momento presente. Não se trata, porém, de qualquer tentação actualista ou da invocação forçada de factos, mas sim do exercício da virtude da prudência a partir da análise cuidada de uma cópia significativa de factos e circunstâncias. Qual o método? «Uma exposição factual e quanto possível objectiva, evitando-se as interpretações doutrinárias». Assim funciona o sentido pedagógico do autor – sem referências inúteis, sem comentários

que possam desviar a atenção do essencial dos acontecimentos. Com base nas fontes históricas coevas, conhecidas ou inéditas (importa lembrar que muitas vezes trouxe à luz do dia documentos desconhecidos ou há muito esquecidos e com eles importantes elementos novos para o conhecimento da história diplomática), o autor procurou inserir a sua própria experiência no tempo histórico largo e na compreensão da importância da intervenção dos principais actores e intervenientes. Deste modo, a economia e a história constituíram duas constantes nas referências deste diplomata, para quem a história recente determina a necessidade de agir com cada vez maior capacidade para discernir a complexidade do mundo e para distinguir o essencial e o acessório. Afinal, exige-se hoje uma cada vez mais sólida preparação dos diplomatas em domínios técnicos específicos – e sobretudo uma especial atenção aos fenómenos novos e às mudanças. Calvet de Magalhães sempre o lembrou na sua exigente intervenção formativa. É preciso perceber-se, por exemplo, que em Vestefália (1648) se iniciou uma diplomacia baseada no multilateralismo e na consideração dos Estados como sujeitos de pleno direito da comunidade internacional; que no Congresso de Viena (1815) passou a haver um direito internacional limitador das esferas de soberania e consagrador da igualdade entre os Estados e que, em S. Francisco (1945), as Nações Unidas consagraram um princípio inovador de partilha de soberanias, tendo como meta a salvaguarda da paz e do desenvolvimento...

4. *A arte da biografia*. É à luz deste percurso que temos de situar a actividade criadora do intelectual – sempre atento ao mundo da cultura e preocupado em completar a sua actividade diplomática com a investigação histórica e com uma intensa actividade de divulgação. Já referimos a *História do Pensamento Económico em Portugal* (1967), a *Breve História Diplomática de Portugal* (1990), e poderemos ainda citar a monografia *Alexandre III reconhece o Reino de Portugal* (1979), *Portugal and the Independence of the United States* (1983), *História das Relações Diplomáticas entre Portugal e os Estados Unidos* (1991), *Relance Histórico das Relações Diplomáticas Luso-Brasileiras* (1997) e *Depois das Caravelas* (com Luís Anodo Cervo) (2000). Há, no entanto, três livros que correspondem a uma muito interessante digressão no género biográfico, que constituem peças maiores na obra do escritor. Referimo-nos a *Eça de Queirós – A Vida Privada* (2ª ed., 2000), intitulado inicialmente *José Maria – A Vida Privada de um Grande Escritor* (1ª ed., 1994), a *Garrett – A Vida Ardente de um Romântico* (1996) e a *Antero – A Vida Angustiada de um Poeta* (1998). Estamos perante uma trilogia que, relativamente a Eça e a Antero se intersecta, dando uma visão muito rigorosa e muito acessível para o leitor menos versado na época, do tempo em que ambos viveram e que, no caso de Garrett nos define, a partir da singularidade excepcional do autor de *As Viagens na Minha Terra*, o lançamento, com bases românticas, de um período extremamente rico da nossa vida cultural e política. No fundo, Antero e Eça de Queirós fizeram parte da primeira geração que, tendo

rompido com o romantismo, fê-lo para se manter fiel aos ideais de inovação e de emancipação de quantos, de armas na mão, combateram, em condições muito adversas, pelo advento de um regime de liberdade. A verdade é que se percebe bem o facto de, na ruptura entre as duas gerações, no momento em que Antero corta com Castilho, estar em causa a necessidade de garantir a renovação dos ideais da Regeneração nacional e a sua ligação aos novos movimentos sociais, ditados pela industrialização e pelos transportes, com métodos novos e outra gente, completando a liberdade com os ideais de uma República Social (onde não houvesse mais deveres sem direitos, nem direitos sem deveres). E a escolha pelo biógrafo das personagens sobre cujas vidas se debruçou demonstra bem a preocupação do diplomata por figuras de primeira grandeza, todos eles preocupados com a modernização do País, com a abertura de fronteiras, com o enriquecimento cultural, com uma visão cosmopolita do mundo e da história e com a exigência de superação do fatalismo do atraso e da distância. As biografias funcionam, assim, como um modo de interrogar activamente os caminhos da inovação e da mudança.

5. *Eça, Garrett e Antero*. O biógrafo privilegia as pessoas, a sua vida real e o modo como são vistos por familiares e amigos. É o percurso individual que lhe interessa. É a trivialidade dos factos que o ocupa, muito mais do que teorias sofisticadas da psicologia ou da sociologia. E, para deleite do leitor, do que se trata é de seguir os passos dos personagens, percebendo melhor a época em que se integram. E *Eça de Queirós* tem um lugar muito especial. Sobre o autor de *Mandarim*, Calvet de Magalhães conta uma história singela (como se pudesse ser simples a vida de um escritor tão dotado como José Maria), de um «fidalgote sem fortuna, com um enorme talento literário»... E a história feita de mil acontecimentos encadeados numa narrativa muito atraente está propositadamente despojada do aparato bibliográfico. Calvet de Magalhães não quis escrever uma obra historiográfica. Agiu como um observador, distante no tempo, das figuras que analisa. Mas manda a verdade que se diga, para quem está habituado a lidar com as fontes a que foi o nosso autor beber, que não se encontram deslizes ou incorrecções – antes se percebendo que há um enorme rigor na indicação dos factos e na sua utilização. Aliás, sendo infelizmente, o género biográfico tão pouco cultivado entre nós, merece elogio o modo como o autor o pratica, com mestria e para grande proveito dos leitores. Se nos recordarmos de Litton Strachey, facilmente percebemos a importância de apresentar o encadeamento dos factos com o sabor do tempo, que o autor bem conhece, e que nos transmite com talento e sentido da medida. E a verdade é que *Eça de Queirós* e *Antero de Quental* marcaram a sua época e foram referências fortes. No caso da biografia de José Maria, lá estão as complexas origens familiares, a Universidade de Coimbra, o Cenáculo do Bairro Alto, as Conferências do Casino, *As Farpas*, o consulado de Havana, o isolamento de Newcastle, *O Crime do Padre Amaro*, o laborioso parto de *Os Maias*, Bristol, o namoro com D. Emília, o fantástico «caso Faria» (contado

com especial conhecimento de causa pelo diplomata experimentadíssimo), o consulado geral de Paris (finalmente!), os jantares dos Vencidos da Vida, as deambulações Entre Douro e Minho, as cogitações que gerariam Jacinto e Zé Fernandes, as angústias perante os males da pátria... A cada passo compreendemos o carinho especial posto na descrição dos passos da vida do escritor. O mesmo já acontecera, aliás, com Garrett... E se Eça foi um romântico por temperamento, que se aventurou no campo naturalista, o certo é que Almeida Garrett foi um precursor, um romântico de vida ardente – homem com defeitos e qualidades, capaz de os expor e de moldar a sua arte nessa dialéctica intensa. «Não sou clássico nem romântico» – dizia, apesar de tudo, o autor de *Folhas Caídas*. «Deus me livre de ser (romântico) – ao menos o que na algaravia de hoje se entende por ser essa palavra» – insistia também. No fundo, precisava dessa demarcação – uma vez que ia experimentando a novidade através do seu grande talento... Garrett foi romântico, *malgré tout*, pela capacidade que teve de compreender o seu tempo, de ser inovador como poucos e de ligar permanentemente a sua vida à paixão ardente de ideais e de afectos. Desde as origens no Porto às andanças do exílio, do combate nas hostes liberais e do seu apoio inestimável na feitura das leis de Mouzinho da Silveira até às tristes peripécias diplomáticas, da oratória empolgante do Porto Pireu à magistratura cívica de quem curou especialmente da instrução e das artes, desde a visita a Passos Manuel, exilado em Santarém, que originou as *Viagens na Minha Terra*, até às fúrias de Herculano obrigado a fazer de pau de cabeleira ao amigo pinga-amor, desde as extravagâncias da moda até as fraquezas do visconde... – tudo se liga numa narrativa atraente e clara que se torna o pano de fundo de uma obra poética, dramática e romanesca que caracteriza o nosso romantismo. E Calvet de Magalhães consegue nestas duas biografias dar com sobriedade e com clareza a sua própria visão sobre os dois vultos porventura mais marcantes da literatura portuguesa no século dezanove.

6. *Lidar com o tempo*. Ao escolher a biografia como modo de contacto privilegiado com o tempo, Calvet de Magalhães oferece-nos uma visão histórica centrada na singularidade de personalidades marcantes, sem esquecer a necessidade de uma visão de conjunto do período histórico em que se inserem – já que escolhe personagens que têm o dom de interrogar o mundo que os rodeia, para além do prazo curto ou das questões de campanário. Isso é particularmente evidente na biografia de Antero de Quental, por certo o exercício mais complexo que realizou na trilogia biográfica. Por isso mesmo, começa por citar Oliveira Martins, quando este diz, no Prefácio aos *Sonetos*, não conhecer «fisionomia mais difícil de desenhar» porque nunca vira «natureza mais completamente bem dotada». E se o exercício foi difícil e complexo, a verdade é que, ao biografar Antero de Quental, o autor compreendeu bem que, depois de Eça de Queirós, e para resolver o enigma do seu tempo histórico, seria indispensável ir a Antero de Quental, a figura simbolicamente mais marcante do grupo, cujo magistério ético está bem presente no testemunho de

todos os seus amigos. Mas, ao traçar a vida de Antero, teve igualmente de recordar Oliveira Martins, o amigo dilecto do poeta, bem presente já na biografia de José Maria. Aliás, Calvet de Magalhães bem conhece a memória do autor de *Portugal Contemporâneo*, porque antepassados seus foram amigos muito chegados desde a infância do historiador. De novo notamos a mesma atitude do biógrafo. Recolhe um conjunto vasto de informação disponível e apresenta-a com vivacidade e rigor, justificando pelo bom senso e com factos alguns dos passos mais duvidosos ou controversos. E assim retrata em Antero «uma natureza intrinsecamente bondosa e acolhedora que, esporadicamente, explodia em cóleras violentas» ou «um fidalgo de velha estirpe que vivia modestamente e se vestia como um pobre campónio» – mas também «um artista, com elevada sensibilidade estética, limitada, porém, ao domínio da ideia abstracta e da palavra, desdenhando das artes plásticas». Em suma, dá-nos a figura poliédrica e apaixonante de «um pensador político que tinha uma visão catastrófica da vida política nacional e do futuro de Portugal, mas que era arreigadamente um patriota». «Santo heterodoxo» lhe chamou João Lobo de Moura... Sem dúvida, o poeta de *Odes Modernas* foi uma figura difícil e personalidade complexa. Para quantos o vêem ao longe, a empatia parece oferecer resistência, mas o biógrafo, depois de ter perscrutado até ao último pormenor o testemunho dos seus amigos e dos que o conheciam proximamente conclui por considerar «um homem notável, que teve o raro condão de ser profundamente amado por todos aqueles que o conheceram com alguma intimidade». Num país de tantas invejas, ressalta, assim, o perfil moral do poeta, que atrai intensamente o biógrafo Calvet de Magalhães. E percebe-se que Antero seja encarado não só como uma figura do seu tempo, mas como um mestre de coerência e de hombridade.

7. Fiel a si próprio. Incansável interrogador da cultura, o Embaixador José Tomás Calvet de Magalhães marca o nosso tempo. As suas obras são exemplos de probidade e competência. Sem excessos eruditos nem pretensões despropositadas, o que o nosso autor tem feito (e continuará por certo a fazer) é pôr a sua inteligência e o seu labor histórico, bem como a sua experiência diplomática, ao serviço de uma cultura portuguesa viva. E quando nos faltam tanto as obras no género biográfico, cultivado no mundo anglo-saxónico por cidadãos ilustres de formação e vocação tão diversas, é bom encontrar quem nos tem dado obras tão interessantes, que permitem conhecer melhor a história portuguesa, a partir da vida de marcantes figuras que se destacaram pelo talento e pelo constante compromisso cívico. Calvet de Magalhães tem-se mantido, assim, fiel a si próprio – nunca satisfeito ou acomodado, sempre disponível para continuar os trabalhos de Hércules.